

A LAGRIMA

Quinzenario Illustrado

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Barcellos, 11 de novembro de 1900

Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno (Barcellos) 480, (Provincias) 600

DIA DE S. MARTINHO

A folhinha dá para hoje a *solemnisação* do S. Martinho.

Terra de devotos pelo milagroso santo, poucos ha que em grande ou em pequena escala, lhe não prestem a sua homenagem, mas diferentes *egregios* da terra, que se engulnam n'este dia, para receber os feis d'essa confraria universal.

Soffrem, pois, uma barréla em ordem as medidas do vinho e, activa-se uma limpeza geral nas malgas, nas tijelas; nos e pos, nas canecas; na meza da vendagem,—em toda a casa.

A um de fundo, a dous, em grupos numerosos, quando a noite se avizinha, os adoradores do *phalerno* invadem intemperatos os templos de Bacchus, com a consciencia d'uma *devoção* sincera.

Medem ali as suas forças á face do systema metrico, por litros, decilitros, consoante os recursos da bolsa.

Ha generosidades mutuas, reprocas, entre *irmãos* e recém-chegados, quer se chamem Pedros ou Paulos, desde que provem, porém, ter ventre para assimilar facilmente, embora mesmo pela medida velha, as *camidas* que o *sachristão*—que bem se póde chamar Torres—a preço reduzido lhes transporta á pança.

«Todos por um e um por todos», é a divisa que melhor define a *irmandade* liberrima, que não tem estatutos, que não possui lei.

Sem prejuizos de raça, nem de civilização, em qualquer parte do globo, em todo o tempo ou epocha, ninguém deixou de ter podido pertencer á confraria do santo.

... Porém nenhum dia é tão solemne nem mais proprio como o de hoje; nem ponto mais privilegiado, como o Minho, para a *grande festa*.

No tascos, no hotel, na familia, em regra, muitos são os individuos que pagam agora suas *anualidades* a S. Martinho, para esquecer uma pequena contrariedade, uma grande dissabór.

A vida é arida em geral.

A uns a intelligencia faz preseratar com minucia os lances mais intrincados da existencia; a outros a estupidez faz crear muita duvida.

Entendem-se felizes os que noite dentro marcam as *doz* e as *onze*, sem distincção de hora nem de *meridiano*...

Sobe-lhes o alcool ao cutulo, enveredam-se-lhes as ideias e tolhe-se-lhes o passo, mas a alma ri de contentamento.

Embora o assumpto que saia á toua da cavaqueira arranque lagrimas, estas são de crocodilo ou vendó.

Tudo está na mesma tensidade—quer toque á raia do faceto, quer se abrupte por sobre um cemiterio de infortunios.

Se não fossem estes oasis na Costa d'África da Vida, que seria da existencia terrena, para tantos que não têm lar, nem familiar!

Quantas vezes nas cavaqueiras de jornalistas, de *sabios*, nós fazemos incidir com uma pertinacia algoz, a nossa critica malevola sobre aquelles infelizes da humilde camada social, cujo defeito está na adoração a Elle ao Magnanimo, ao Bom do S. Martinho.

... Não procuramos dar balanço á nossa razão e á nossa consciencia, para notar os nossos defeitos, os nossos erros, a nossa injustificada supremacia sobre o proximo infeliz, cuja satisfação está muitas vezes unicamente em se *decilibrar*...

Sê, dia de S. Martinho, como um orvalho celestial sobre a vida dos desafortunados.

Sê, ao menos uma vez cada anno, o enganador de muita fôrma, de muita miseria!

O negociante Brandão tambem foi ao Porto, quando se realisaram as festas reacs, engrossar o numero dos mirones.

Chegado á estação do caminho de ferro d'aqui, comprou bilhete, que lhe foi entregue depois do respectivo furo, dando logo entrada na gare.

Encontrando ahi um distincto cavalheiro d'esta terra e admiravel cavaqueador, disse-lhe elle:

—«?Ouça lá, ó Brandão,—você comprou bilhete?...»

—«Comprei, sim, meu senhor.»

—«Pois fez uma tolice, porque ha ahi bilhetes gratuitos para as pessoas que forem dar vivas ao rei. Veja se consegue que o chefe lhe restitua o dinheiro que V. pagou e que lhe dê um dos taes bilhetes.»

Dito e feito. Brandão chega-se á portinhola e diz, muito de mansinho:

—«Faz favor, sr. Nunes.»

A LAGRIMA

—«Que é?» respondeu este cavalheiro.
—«Eu comprei um bilhete para ir ao Porto...»
—«E que quer V. dizer com isso?...»
—«... E' que eu vou dar vivas.»
—«Pois vá.»
—«Mas é ao rei...»
—«Até á rainha, mais ó diabo que o carregue, se quizer.»
—«Mas eu queria um bilhete como o do sr. dr. F...»
—«Já o tem.»
Mas o d'elle é de graça.»
—«Sabe que mais?—não estou para o aturar.»

Imaginem que cara faria o Brandão quando, depois de perfeitamente entendido, *percebeu* todo o alcance dos maus lençoes em que o metteram!...

Este é dos taes que só não tem o seu garantido por não ser apenas ignorante...

O nosso collega A. Ledesma, teve de dar a mão á palmatoria, em vista das razões que allegava o tambem nosso collega A. Braz na sua ultima carta para o director principal d'este quinzenario. Afinal diz aquelle nosso amigo Ledesma, o Arnaldo tem razão... pois quem troca a Apulia por uma instancia balnear de primeira ordem, como Povoá, Espinho, etc, tambem troca a aldeia pelo bulicio dos grandes centros.

E' questão de gosto; o Arnaldo gosta do remanso dos pinheiras, o Ledesma do desenvolvimento material e moral do mundo; o Arnaldo, como poeta, ama tudo o que na natureza lhe dá ensejo para os seus madrigaes; o Ledesma, como amante do progresso, gosta da vida, do movimento, da civilisação...; o Arnaldo pensa, o Ledesma ama; o Arnaldo enfim transige com tudo o que lhe proporciona socego, remanso e amor; o Ledesma não se conforma com a paz podre da vida banal do pequeno mundo.

Ambos elles têm razão, deixal-os fallal-os que elles calarão-se-hão.

O João Mineiro ha dias foi mimoseado em uma *taina* com varios acepipes que muito lhe consolaram o paladar. Não se cansa aquelle prestante artifice de gabar os tambem presentes acepipes e a um grupo de amigos elogiava elle os taes ditos (não os amigos) os guisados. Entre outros, dizia elle, lembra-me de comer um petisco que se bem me recorde tinha assim o nome de... de... *ovos de moleque* ou coisa parecida. Sabidas as coisas queria aquelle amigo dizer de *omellette*.

Ora effectivamente, se o João Mineiro gos-

tou tanto dos *ovos* de moleque como não ficaria elle quando lhe apresentaram algumas *sal de virgens* (sandewiches) goloseima que elle nunca tinha provado!!

Alguem lhe disse que na arte culinaria estava pouco adiantado pois que se tinha admirado de comer *ovos de moleque* e *sal de virgens* pela primeira vez; elle então retorquiu com o seguinte:

—«Homem, eu *arte apolinaria* não vi lá, e se estão a caçar commigo vou-me embora.»

—«Que ideia fazes, pois, João, de arte culinaria?»

—«Ora *arte apolinaria*... (depois de pensar) *arte polinaria*, só se for a arte de curar qualquer animal!»

Necessidades, 8 de novembro

Andam todos aqui atrapalhados em saber quem é o auctor d'estas cartas. Noutro dia o Tó até se poz escarrapachado no mosteiro, a vêr se lá do alto nos descobria...

Acreditam uns que que nós *somos uma flor*, que não tem cheiro, mas que anda sempre a cheirar tudo por toda a parte e vem a ser—o Narciso, alfaiate.

Outros suppõe que somos o Alexandrino, por elle ser Carneiro e andar ás turras a alguma gente.

O Galgufas andou na freguezia a comprar objectos antigos

Entendeu que no Sanctuario havia S. Jorge, para lhe comprar a peanha, mas enganou-se redondamente.

O sachristão disse-lhe que tinha um bom traste velho e conduziu o nosso homem á sachristia e, detraz das escadas, que dão para a torre, mostrou-lh'o, mas o Galgufas nem de graça o quiz.

Nem desgraça! Quê desgraça!

Um Socialista.

Espiritismo

Mais uma sessão em que os espiritos são invocados para se chegar ao conhecimento de qualquer coisa que nos interessa saber ou conhecer.

A sessão de que vamos dar rapido relato, passou-se nos Paços do povo e foi levada a cabo pela *élite* dos empregados da secretaria da Camara.

O momento era apertado, porque havia uma ordem terminante para serem apresentadas umas contas.

Mas como diabo se poderiam ellas dar, sem se conhecerem os principaes pontos, que eram escuros como carvões e insondaveis como abysmos sem fundo?

Na mathematica não havia recursos, e na philosophia não havia razões!

A LAGRIMA

O Gonçalo com as lunetas acavalladas no nariz, procurava com a vista qualquer coisa que devia sair do tecto da sala.

O Manuel Leite, o Maciel, o Vallongo, o José Lopes e outros, esperavam uma resolução toma-la pelo Gonçalo.

—«Manuel Leite, diz-lhe este, d'esta embrulhada só o espiritismo nos pôle salvar!»

—«¿ Como assim, se até os espiritos dos mortos são capazes de se pôrem em greve, desconfiados que lhes toquemos no galgueirão (sua propriedade) que dizem ser a Avenida do cemiterio!»

—«Pois não vejo outro meio, replicou Gonçalo.»

—«Só a invocação dos espiritos», repetiram todos os circumstantes.

O Manuel Russo, que appareceu na occasião, foi por uma meza de pé de galo. As portas e janelas foram fechadas. O silencio era completo e o acto solemne.

O terror correu pelos assistentes, levantando-se-lhes os cabellos, e um frio siberiano subiu-lhes pela espinha.

O Gonçalo encheu-se de coragem e fez então vêr aos collegas que não havia motivos para sustos e que o melhor seria interrogar um vulto que tão ferozmente ali se apresentou:

—«¿Espirito ou corpo, queremos saber, para fins justos, se nas contas a apresentar haverá erro?»

N'esta altura começaram os presentes a lo-brigar dous pontos luminosamente phosphorescentes, e, quanto mais o espirito era interrogado, parece que mais se destacavam elles no escuro do recinto.

—«Espirito ou corpo, repetia o Gonçalo, queremos saber, para fins justos», etc.

—«O' ceus, ó nunes! José Lopes, deixa vêr os lumes...», atemorizado gritava o Russo, porque um: miau! miau! se ouvia no escuro, terrível como um sepulchro.

O Lopes ágora deu os lumes ao Russo, abriu mas foi depressa as portas do recinto, para a luz do dia desvendar o mysterio da *sombra*...

Uma gargalhada retombou, então, de ambito em ambito nos Paços do Concelho. As phosphorencias era provenientes dos olhos de um gato que se encontrava na sala, o qual se assanhou com a mudança subita da claridade do dia para o escuro.

Foi encerrada a sessão.

... O que é certo é que o Manuel Leite ficou tão apprehensível com a historia do gato, que ainda *um gato* encontrou hontem nas contas camararias.

E' costume dizer-se a um individuo que promette esfoliar este e o outro mundo, mas que não é capaz de matar uma mosca: «Olha meu

amigo, não vejo tóca d'onde saia grande coelho.»

Tal phrase empregariamos nós quando o Cibrão nos dissesse que faria *uma partida* a alguém, attendendo ao seu feito acanhado.

Enganamo' nos redondamente, e aqui nos penitenciamos *do erro*, dando força ao ditado:

«As cousas estão aonde se não esperam.»

Pois é verdade!

O Cibrão estava na repartição da recebedoria, desempenhando as suas funcções de ajudante do nosso amigo sr. Lima, e apparece-lhe, affadigado, sobraçando grande papelada, o bom do José Belita, que ia ali fazer, por pedido d'outrem, uns pagamentos de contribuição industrial.

Entre esses documentos vinha uma carta que o Cibrão leu.

Era destinada a um professor d'instrucção primaria, d'este concelho.

Sem o Belita dar por ella, substituiu-lhe o respectivo fecho e subscriptou-o assim: «Ill.^{mo} sr. João Baptista Martins, —Barcellos» e pediu ao José que levasse a carta a este destinatario.

*

Quem passasse d'ahi a dez minutos pelo estabelecimento de sóla do procurador Martins, ouvia-o praguejar como um carreteiro e via-o transtornado da phisionomia.

—«Garoto! pulha! Eu não devo nada a esse patife.»

O Belita, nada sabia dizer a tal respeito e fez-se de quantas côres tem o arco iris e quando estava assim da côr de açafraão, espantou-se, deixando o sr. Martins já rodeado da numerosissima familia e de grande numero de populares.

Parecia, á primeira vista, que o sr. Martins estava a fazer um comicio ou a vender uma droga medicinal qualquer, ali na feira.

—«Eu, barafustava elle, não devo nada a esse patife! Canalha! Se agarrasse tal maroto á mão, *estrancinhava-o*.»

Depois lia a carta, em voz alta, u'um tom cathedratico:

«Meu caro:—Já estou farto de o aturar. Promette pagar-me hoje, amanhã, e afinal parece que estou condemnado a ficar sem o dinheiro. O sr. já é useiro e veseiro em proezas semelhantes. ¿Cuida por acaso que os livros me vieram de graça para casa? Será esta a ultima vez que lhe peço para ser embolsado do meu debito. Póle ter a certeza que até nos jornaes hei de declarar quem o sr. é, caso me caloteie. E' o sr. um *mestre!*»

A carta era assignada por um livreiro d'esta villa e, como dissemos, era para um professor, do concelho.

—«Arre! Mestre? Eu não sou nenhum çapateiro, continuava o sr. Martins, e não devo nada a esse canalha Patife!»

A LAGRIMA

*
E' claro depois, o deligente solicitador, tomou uma sangria e descansou, quando lhe disseram da partida do Cibrão...

E' tradicional, no Minho, a *magustada*, no dia de todos os Santos. A Igreja celebra a virtude dos seus eleitos. O povo, alegremente,



n'um gaudío expansivo, celebra tambem a saborosa castanha assada e o bom licôr das suas purreiras.

Tem um tom pinturesco o magusto.

Um alqueire de castanhas escaldadas u'um terreiro, n'uma eira, por cima um mólho de pruma, accêsa, fazendo um fumo expesso, um meche, outro remeche, salta um dito picante, agora mette-se a mão, que sabe ensurrascada, tira-se uma, já não está dura, venha outra, venha a malga do verdasco... e assim se come, de pé, acocorado, como calha, uma cantiga ás cachopas... e o vinho vaé escorregando, es-



corregando, as cabeças vão-se esquentando, que no fim tudo dança, n'uma roda viva, esfusiando a chalaça minhota fresca e picante como pimentinhas brasileiras.

Em Barcellos todos os annos ha que ver á tardinha, pela noite dentro, com os magustos.

E' um entortar de vinho que dá quasi sempre n'um entortar de cabeças.

Este anno até as Torres se entortaram. E' ver a nossa gravura:



Só a *Lagrima* se não entortou, porque quer andar sempre muito direitinha com todos.

Notas Diversas

Um figaro, da Pedra do Couto, tem o annuncio do seu *atelier* n'uma tesoura, mas de tal fórma pinta-lo, que se lê assim—BARBEIHO. Ora há de erêr que o barbeiro, de pernas para o ar, lhe desce o sangue á cabeça.

* O José Velloso escreve na Fazenda e quantas pessoas lhe passam a talho de fouce manda-as á recebedoria, dizendo-lhes «que o Cibrão quer falar com ellas». Cada passo entra pois um individuo n'esta repartição e diz-lhe: «20 sr. quer-me alguma cousa?» ao que o Cibrão responde que não. Ora bonita é a partida que, como paga, lhe vaé pregar o Cibrão. Manda um portador á Fazenda, ao Velloso, que deve dizer-lhe alto: «o Adolpho precisa das botas que lhe emprestou.» E o Velloso, que não tem botas nenhuma da Cibrão, fica vermelho como um tição acêso.

* *Atenção*—Previno o respeitavel publico em geral que hoje me succedeu uma partiã muito boa. Ellas não succedem senão áquelles que não andam n'este mundo... Entrei na recebedoria e o sr. Caravana fez chamar a minha attenção para um ponto circular, escuro, que se via no soalho, parecendo uma moeda de 100 reis de prata ou nikel. Mólho as polpas dos dedos polegar e indicador da mão direita para melhor apanhar o que suppunha dinheiro, quando reparei que era cuspo. Aviso aos incantos,—O Boér.

Anunção—O «Sabino», encarrega-se de levantar intrigas entre pessoas e familias, d'este concelho, por preços modicos.

O pagamento pó-le effectuar-se em generos ou, melhor, em vinho.

No tempo que esteve na Cadeia, como interno, lucrôu muitas instrucções, que lhe garantem perfeição na especialidade.